

Hipercrise sanitária

Sérgio Arouca

Parodiando nossos economistas que permanentemente nos ameaçam com a hiperinflação, acredito que hoje estamos vivendo uma hipercrise da saúde. Se o que caracteriza a hiperinflação é a perda do valor de troca da moeda, o que caracteriza a hipercrise sanitária?

Ela está caracterizada, do ponto de vista do quadro sanitário, quando encontramos condições precárias de saúde, expressas por altas taxas de mortalidade; permanência de grandes endemias (doença de chagas, malária, leishmaniose, esquistossomose, hanseníase etc.); altos níveis de doenças e mortes evitáveis (tétano, sarampo, câncer ginecológico e de mama etc.) somados a surtos explosivos de mortes e de doenças.

À guerra civil silenciosa que vivemos, com mortes violentas como o extermínio de menores, acidentes de trânsito e de trabalho, associam-se os riscos de epidemias da dengue, da febre amarela urbana, de leptospirose e agora da cólera. Já foram confirmados, no Brasil, 455 casos de cólera,

oito mortes provocadas pela doença, a chegada de um primeiro caso no Rio de Janeiro e a identificação pela Fio-cruz do vibrião no esgoto. Esses são graves índices de riscos epidêmicos em grandes centros urbanos.

Do ponto de vista dos serviços de saúde, a hipercrise sanitária ocorre quando sob condições precárias de funcionamento, expressas por filas, fechamento de leitos, ociosidade, falta de equipamentos e medicamentos, infecções hospitalares, erros médicos, omissões de socorro etc., soma-se uma crise aguda de financiamento.

Como se isso não bastasse, aos atrasos do pagamento das contas hospitalares, dos repasses para estados e municípios, ausência de novos investimentos, paralisação de programas soma-se o sucateamento acumulado. Serviços estatais e privados unem-se na corrente do desfinanciamento.

A esta grave crise financeira somam-se denúncias de contratos sem licitação (caso Master), aplicações de recursos públicos no mercado financeiro (Central de Medicamentos), e agora o caso Caloi, onde, segundo denúncias publicadas pelo COR-

REIO BRAZILIENSE, o Ministério da Saúde comprou de firma paraense 22 mil 500 bicicletas a um preço quase 50 por cento acima do mercado.

Mas, simultaneamente, enfrentamos uma crise de recursos humanos. Os profissionais de saúde malpagos, sem programas de aperfeiçoamento, tratados pelos grandes teóricos da Administração Pública (João Santana e Carlos Garcia) como inimigos número um do Estado, chegam ao limite do desespero e as greves correm no limite perigoso de parar emergências, campanhas de vacinação, combate ao dengue etc.

Assim, a hipercrise sanitária se caracteriza pelo risco das epidemias, pelo desfinanciamento e pelas greves, tudo isso envolvido no quadro de um Governo que se desgovernou. A profunda crise sanitária que vivemos é só uma das faces da nossa crise global, que se manifesta na crise educacional, ética, política de um país sem projeto de nação.

■ Sérgio Arouca é deputado federal pelo PCB-RJ